

EDITORIAL

A proteção à democracia

O voto secreto, direto e eletrônico é uma forma aceitável de legitimar o governo, embora imperfeita: eis uma boa razão para contribuir com o “defeso eleitoral”, em vigência desde ontem. Em meio às oitavas da Copa do Mundo, seguindo-se ao entusiasmo da festa joanina, a esperança é pelo controle da propaganda ilegal e do abuso de poder.

Inaugurações de obras já não podem contar com a presença de candidatos; sites governamentais devem remover conteúdos de promoção de agentes políticos. Nada de contratação de shows com recursos públicos; não se pode exonerar e movimentar servidores, exceto em situa-

ções justificadas.

Até mesmo repasses voluntários de recursos entre entes federativos ficam proibidos, salvo em casos de calamidade ou continuidade de obras já iniciadas. Per-

Em meio à Copa do Mundo, seguindo-se ao entusiasmo da festa joanina, a esperança é pelo controle da propaganda ilegal

manecem vetadas as mensagens em rádio, TV, outdoors e faixas.

Toda atenção está relacionada às restrições para impedir o uso de instituições da República e órgãos do Executivo com fins de favorecer pré-candidaturas. A legislação brasileira, destacando-se a Lei 9.504/1997, vem se aprimorando, pari passu ao debate ético, ao qual se deve atribuir o combate a antigas artimanhas.

Até o século passado, fazia parte das estratégias de campanha a inauguração de praças, ginásios de esporte, estádios e obras diversas às vésperas do pleito. Além de o eleitorado aguçar a percepção de

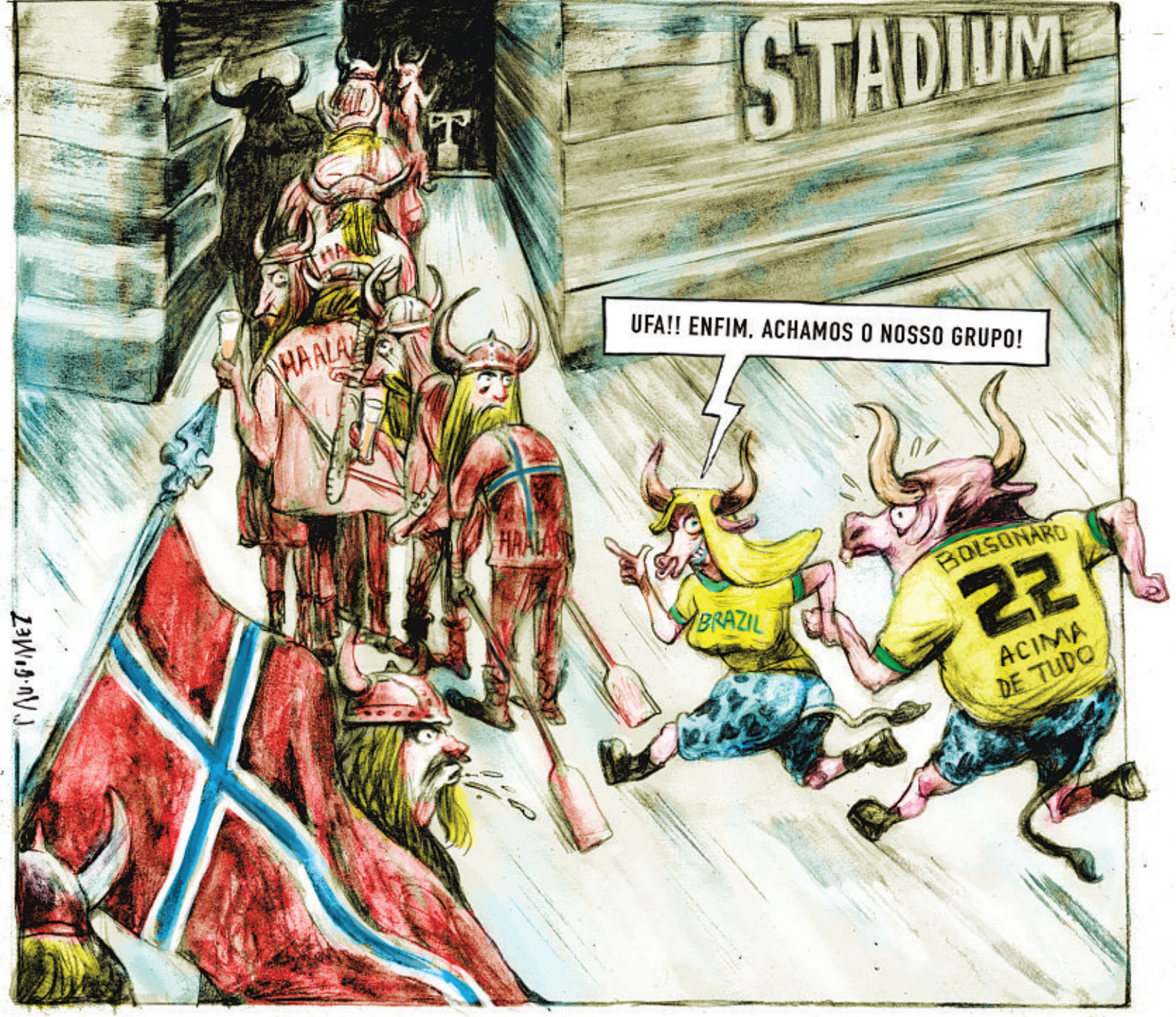
tratar-se de um drible do candidato, entraram em campo nossos legisladores para pôr fim a estas infelizes perfídias.

Prestes a completar 40 anos no dia 11 de novembro, o estádio Manoel Barradas foi inaugurado a quatro dias das eleições de 1986, com forte apelo para a torcida. Foi uma tentativa de persuasão, tendo a obra particular o apoio do grupo político desejoso de permanecer no poder – o que terminou não ocorrendo.

Esta e outras bizarrices, hoje, são impossíveis, revelando o quanto a democracia brasileira melhorou, com perspectivas de seguir aprimorando seus trâmites continuamente.

CAU GOMEZ

As charges publicadas neste espaço expressam as opiniões de seus autores



Andando de venda inchada

José Carlos L. Poroca
Executivo do segmento shopping centers
jcporoca@uol.com.br

De início, peço perdão pelo estado da minha venda. Está inchada, sim. Podem imaginar que o inchaço seja decorrente do choro, como acontece com os olhos. Poderia ser, mas não é. O andar de venda inchada é o mesmo que estar abusado, encrespado, virado na moléstia – expressões da minha região. O siribolo (1) que vem acontecendo neste meu país inzoneiro, é mais que suficiente para inchar os olhos e narizes dos nativos.

Aliás, ao dizer “dos nativos”, posso estar generalizando algo que só ocorre com aqueles que amam o seu país, com aqueles que vêm as coisas acontecendo ano após ano e não conseguem enxergar melhorias. Sou diferente dos meus patrícios que estão acometidos de um fenômeno chamado de Fata Morgana, que é uma ilusão de ótica gerada por algo da natureza, capaz de projetar no horizonte imagens inexistentes.

Admito ter algum tipo de patologia nos olhos, que impede este ser de ter a sensação de ver coisas que queremos e desejamos. É como se estivesse num veleiro há semanas e ver ilha que não existe a poucas milhas náuticas do barco. Além da ilha, os mais sensíveis conseguem enxergar nativas com pouca roupa, cerveja (gelada, claro) e carnes na churrasqueira. No meu caso, o “meu mal” não permite ver a “ilha” nem sentir o cheiro da carne. Pelo contrário, só vejo e ouço o turundundum, a barafunda generalizada.

Só para configurar (textualizar), outro dia peguei um dicionário quando ainda se escrevia farmácia e fotografia com ph. Pois bem, procurei e achei verbetes como seca, enchente, favela, fome, desabrigado, rede de água, educação, iletrado e mais outras tantas. A mudança ortográfica aconteceu em 1938, há quase 90 anos, no tempo de vovô e de vovó.

A barafunda atual é a mesma da época do fósforo e do telephone. Podem discordar e perguntar “nada mudou?”. Seria pelo menos irresponsável dizer “não”. Já temos automóveis elétricos; edifícios com 84 andares; telefones celulares; transmissão de imagens via Web para (quase) todo o mundo; vacinas revolucionárias (sarampo, febre amarela, febre tifóide); cirurgias robóticas; “canetas” emagrecedoras; inteligências artificiais; robôs que atendem comandos etc. Não conseguimos ainda achar o xis entre o aumento de automóveis nas mesmas vias trafegáveis; não achamos a fórmula para conter e guardar as águas das enchentes; ainda não achamos vacina (ou equivalente) contra a fome; não conseguimos aplicar a fórmula para impedir que a dívida seja menor que a receita etc.

Mesmo com esse siribolo, não podemos perder a fé nem a esperança: a Canarinha pode voltar com a taça, os tubarões podem se transformar em vegetarianos, a corrupção poderá levar o infrator para o xilindró, o Leão poderá conquistar a Libertadores, o valor do salário mínimo poderá ser triplicado, a carga tributária (pessoas físicas e jurídicas) poderá ser reduzida em 2/3 etc. Precisamos crer para ver. Ou será ver para crer?

(1) SERIBOLO = CONFUSÃO, LATOMIA

Réquiem pela Baía de Todos-os-Santos e Orixás

Paulo Ormindó de Azevedo
Arquiteto, professor titular aposentado da UFBA e membro da ALB, IAB e ABI
pauloormindo@gmail.com

Em surdina, na véspera do 2 de Julho, foi dado início à morte assistida de uma das mais importantes e belas baías do mundo. Para que os leitores tenham ideia do que isto significa, vale a pena recordar. Durante o ciclo da vela a BTS foi um porto obrigatório de articulação da Europa com a África e o Oriente. Aqui os navios faziam aguada, abastecimento e reparos. Ainda hoje a maior baía do Atlântico Sul é uma angra fundamental na defesa da costa brasileira com a Base Naval de Aratu. Em seu interior estão seis portos internacionais: Aratu, Temadre, Terminais da BYD e M. Dias Branco, Estação de Regaseificação e Estaleiro da Enseada.

Com a construção da ponte todos esses portos ficarão dependentes de uma garganta de 450m de largura e 80m de altura

quando os navios e a navegação não param de crescer. Ela serve ainda hoje como sala de espera para outros portos nacionais. Os navios ancorados fora da barra, por exigência da Capitania dos Portos, têm apoio portuário, enquanto esperam a ordem para atracar em outros portos, podendo se abrigarem na BTS em caso de tempestades.

Do ponto de vista socioeconômico, a ponte marginaliza a banda leste da BTS onde estão os portos citados, o CIA, o Pólo Petroquímico, a Refinaria de Mataripe, o Estaleiro da Enseada, poços de petróleo e gás reativados e um potencial enorme turístico-histórico e esportivo-náutico. Inviabiliza ainda um hub-porto nas águas abrigadas de Salinas da Margarida com calado de 22m, podendo ser o terminal de uma ferrovia transcontinental. É um montão o que o Estado vai pagar durante 30 anos de pedágio complementar às seis faixas subutilizadas da ponte.

Os impactos socioeconômicos, urbanísticos e culturais em Itaparica e Salvador são enormes. Na ilha, dividindo-a ao meio, dificultando o acesso de pescado-

res, quilombolas e pessoal de santo às praias e transformação de Vera Cruz em um terminal rodoviário caótico, como São Gonçalo, vizinho a Niterói. Em Salvador, sua saída de São Joaquim, copiando o Ferry, impactará a feira, o Comércio e o CH e entupirá a Via Expressa, a Paralela e a Estrada do Coco. Quando estiver em pleno funcionamento, serão 140 mil veículos cruzando Salvador em direção ao Litoral Norte e a Sergipe, como a ponte Rio-Niterói de igual gabarito.

Culturalmente, a BTS terá sua visibilidade comprometida por uma ponte torta que tangencia o frontispício da cidade e as igrejas de Monte Serrat e Bonfim. Tudo isso havendo alternativas mais baratas e menos impactantes, como a envolvente da BTS, um túnel e a proposta da Academia de Engenharia da Bahia de deslocar sua partida para a enseada do Cabrito, articulando-a diretamente à BR-324 e à Via Metropolitana.

“Triste Bahia! Oh quão dessemelhante [...]. A ti tocou-te a máquina mercante [...]. Tanto negócio e tanto negociante...” – Gregório de Matos.